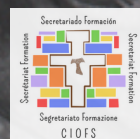


LIDERANÇA SERVIDORA
NOS ESCRITOS DE
SÃO FRANCISCO E SANTA CLARA
DE ASSIS



Secretaria de Formação CIOFS



APRESENTAÇÃO

Caríssimos Irmãos e Irmãs

Ordem Franciscana Secular e Juventude Franciscana,

Paz e Bem!

Continuando a trabalhar com a prioridade assumida durante o Capítulo Geral da Ordem Franciscana Secular em 2021, foi apresentado o tema Liderança Servidora como uma das prioridades para continuar a nossa formação nesta dimensão de serviço. Essa prioridade afirmava: "Liderança servidora: foco adicional na liderança servidora, compartilhando ferramentas do *Instrumentum Laboris*". A palestra do Frei Michael Perry sobre o tema principal forneceu excelentes subsídios para as Fraternidades Locais usarem (módulos, modelos, formato/esquema de formação, linguagem simples)..."

A Presidência do CIOFS aprovou motivar esta prioridade aceitando a proposta de que o Secretariado da Formação para o ano de 2024 tivesse como tema "Liderança servidora nos escritos de São Francisco e Santa Clara de Assis".

Consideramos importante aprofundar este tema a partir de nossas fontes franciscanas, descobrindo juntos o caminho de vida de nossos irmãos Francisco e Clara de Assis.

São Francisco e Santa Clara nos deixaram um legado de grande valor para o nosso mundo, 800 anos depois ainda estamos tentando tornar visível esse legado.

Esperamos que este material responda à prioridade dada e que seja útil para a formação de nossos irmãos e irmãs.

Fraternalmente,

Secretariado de Formação CIOFS

Silvia Noemi Diana, OFS

Eremenciana Chinyama, OFS

Fr. Stefan Acatrinei, OFM Conv

Alonso Acevedo, OFS

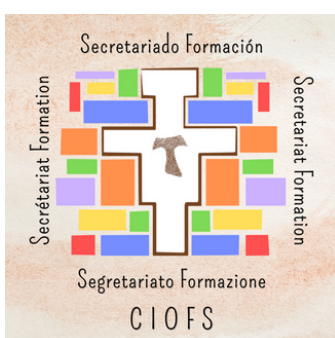
Diane Frances Menditto, OFS

Lucia Hidveghyova, OFS

Mayara Ingrid Sousa Lima, OFS

Desenhos do documento: Luis Alejandro Maldonado. OFS

Julho 2024



LIDERANÇA SERVIDORA
NOS ESCRITOS
DE SÃO FRANCISCO E SANTA CLARA DE ASSIS

INTRODUÇÃO

O poder da imagem, seu papel na mídia, bem como sua capacidade de influenciar o homem é bem conhecido de todos. O próprio Deus, ao revelar-se a Moisés, utilizou-se de uma imagem: a sarça ardente (cf. Ex 3,2-4). Os profetas, para transmitir a mensagem de Deus, associaram muitas vezes a palavra à imagem (cf. Is 61,10-11; Ez 16,15-34; Jeremias 24,4-7; Jl 1,5, etc.). Jesus Cristo, ao anunciar a vinda do Reino de Deus, recorreu muitas vezes a várias imagens (cf. Mt 13,1-52; Mc 4,26-29; etc.).

Os cristãos, desde o início, serviram-se de imagens, em forma de símbolos, para expressar sua fé, sua identidade; além disso, envolvendo a arte, criaram uma ferramenta fecunda de evangelização (particularmente *Bíblia Pauperum* – cenas da Bíblia pintadas nas igrejas), capaz de falar a todas as categorias de pessoas: crianças, jovens e idosos, instruídos e iletrados. Essas imagens pintadas foram capazes de impressionar e moldar "imagens vivas" que ainda brilham hoje e continuam a tocar a vida das pessoas. Entre eles, encontramos orgulhosamente São Francisco e Santa Clara, que estavam ansiosos para compartilhar suas próprias experiências.

FRANCISCO, UM LÍDER DA JUVENTUDE EM SUA DESPREOCUPAÇÃO

Qualquer pessoa que leia a vida de São Francisco de Assis não pode escapar de uma imagem forte: a de um líder. Tomás de Celano destaca, logo nas primeiras páginas, a capacidade de Francisco não só de atrair à sua volta os jovens de Assis, mas também de os guiar. E se os jovens o «elegeram rei», contra a sua vontade, não há dúvida de que ele tinha demonstrado a sua capacidade de ser «guia na sua despreocupação». Ele realmente dispôs, além de suas possibilidades econômicas, de dons naturais extraordinários (cf. 2Cel 7; LTC 7). Embora por nascimento ele não pertencesse à nobreza, a classe dirigente daqueles dias, ele inventou sua própria nobreza.

É impressionante notar que foram precisamente eles, os jovens, que o queriam naquele pedestal; uma posição muito atraente em seus círculos (assim como no nosso), e sempre cobiçada por muitos. É sabido de Francisco que ele "procurou se sobressair sobre os outros em todos os lugares e com ambição sem limites" (1Cel, I, 2). Depois de ansiar por ela (cf. LM I 3), ele a assumiu com alegria insaciável por algum tempo. Quem não se sentiria confortável em tal condição? Quem gostaria de deixar tal posição que oferece tanta satisfação? Quem gostaria de abandonar tal atmosfera e se mudar do centro para a periferia? Certas satisfações, assim como a de desfrutar da atenção dos outros, estar sempre cercado e em meio a aplausos, mesmo que bem intitulados, são de curta duração, levam à crise e terminam em fracasso se não tiverem uma base sólida. Francisco, depois de seguir seus desejos, planos e sonhos iniciais, não foi poupado da decepção e da perda de sentido da vida.

A “DOÇURA” DA “AMARGURA”

Ninguém jamais gostaria de experimentar o fracasso, mas, em certos momentos, parece ser a única coisa que ajuda as pessoas a descobrir "a doçura das coisas amargas" (cf. Test 3; 1Cel 9). A solidão e o silêncio, que agora se tornaram companheiros de Francisco, depois de seu papel de líder, não lhe davam mais nenhuma satisfação (cf. 1Cel 17; 2Cel 9; LM I 5), orientou-o e preparou-o para assumir outro tipo de liderança.

**“a doçura das coisas amargas”
(cf. Tes 3; 1C 9).**

Francisco já havia percorrido um longo caminho na medida em que renunciou à glória do mundo e à admiração de seus amigos. Um dia, enquanto cavalgava perto de Assis, encontrou um leproso. Os leprosos enojavam Francisco e normalmente ele teria evitado qualquer um que conhecesse, mas nesta ocasião, ele desceu do cavalo e foi até o leproso e o abraçou. Tomás de Celano, o primeiro biógrafo de Francisco, registra o seguinte: “o leproso causou-lhe não pequeno desgosto e horror; todavia, para que, como transgressor de um mandamento, não quebrasse a palavra que lhe foi dada, desceu do cavalo e beijou o leproso”(cf. 2Cel 9). Foi um gesto simples, mas uma ação que exigiu um longo período de tempo para que seu verdadeiro significado amadurecesse interiormente em Francisco.

Ao escrever sobre este assunto, Tomás de Celano afirma que a partir desse momento em que São Francisco "começou a se considerar cada vez menos, até que, pela misericórdia do Redentor, chegou à vitória completa sobre si mesmo" (1Cel 17). Há uma enorme inversão de atitude, passando de um desejo de atrair sempre a atenção dos outros para voltar sua atenção para os leprosos, que, anteriormente, ele não podia suportar (cf. 1Cel 17; 2Cel 9; LTC 11): “ele se comprometeu a servi-los, lavando seus pés, enfaixando suas úlceras e feridas, removendo seu pus e podridão e beijando seus pés...” (Outros Testemunhos Franciscanos XV 2).

Vinte anos depois, quando Francisco estava ditando seu Testamento, ele se lembrou daquele momento importante: "como eu estivesse em pecados, parecia-me sobremaneira amargo ver leprosos. E o próprio Senhor me conduziu entre eles, e fez misericórdia com eles" (Test 1-2). Francisco tinha encontrado Cristo naquele homem, um dos mais pobres da sociedade do seu tempo. O fato é que ele encontrou o Redentor através do leproso, no qual a pobreza unida à tristeza e à humildade dirigiu toda a sua concepção sobre o seguimento de Cristo. No leproso, Francisco viu o pobre Cristo sofrendo como vítima de nossos pecados. Marcou também a dimensão espiritual de sua futura fraternidade: servir.



Assim, Francisco descobriu no seu fracasso a presença de Deus que, através do seu Filho Jesus, se faz próximo, próximo de cada ser humano através da sua encarnação, culminando na sua paixão, morte e ressurreição. Essa nova imagem da presença de Deus o tornou determinado a adotar um modo de vida diferente, o que fez dele um novo líder.

LIDERANÇA REMODELADA

Para reformular a concepção de liderança de Francisco, o primeiro passo que Deus lhe pediu foi o abandono de si mesmo, para que Ele pudesse dar a conhecer a Sua vontade: "Se queres conhecer-me, despreza-te a ti mesmo" (2Cel 9). Conhecer e servir a Cristo significa abraçar e servir o leproso no qual Cristo se revelou a Francisco



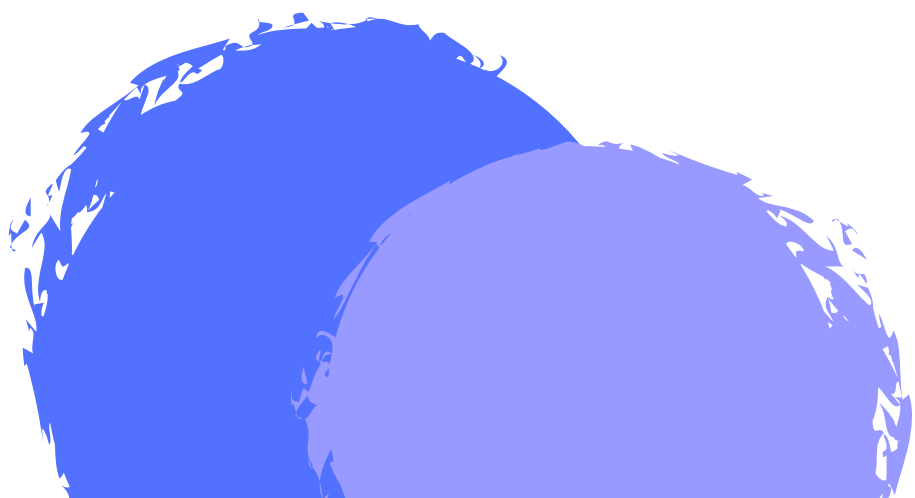
Percebendo o que Deus estava pedindo dele, ele assumiu uma forma diferente de liderança que, conseqüentemente, trouxe consigo a transformação do que era "amargo" e ofensivo para ele, em um estado de felicidade e doçura. Esse tipo de liderança supera todas as rivalidades e divisões e deixa a pessoa livre para possuir a verdadeira glória de Deus. Isso constituiu o impulso carismático de seu novo ser, o dom de Deus; era também a atitude fundamental que Ele quis que estivesse presente em todos os seus discípulos, tanto nos que foram como nos que virão.

Nos dois anos que Francisco passou em torno da igreja de São Damião, que é o período entre sua renúncia ao pai e o início de sua pregação, ele conheceu pessoas que o insultaram. Mas essas mesmas pessoas também estavam curiosas sobre ele e, gradualmente, ganhou a admiração delas. No ano de 1212, Clara Favarone di Offreduccio, impressionada com a nova imagem de Francisco, a vida que ele havia escolhido, veio até ele e prometeu sua própria obediência no serviço de Deus. Francisco acolheu o seu gesto fiel com boa vontade e prudência, levando-a às monjas beneditinas "para que ficasse lá até que o Altíssimo dispusesse outra coisa" (cf. LSC 8). Então, Francisco a mudou para São Damião quando a reconstrução foi concluída.

Ao seu redor, em São Damião, formou-se gradualmente uma nova comunidade evangélica que procurava seguir a liderança de Francisco, mas vivê-la de maneira feminina (cf. 1Cel 18). Santa Clara afirma em seu Testamento que Francisco cuidou do progresso espiritual das pobres senhoras: "E, movido de piedade para conosco, assumiu o compromisso, por si e por sua Ordem, de ter sempre por nós o mesmo cuidado diligente e a mesma atenção especial que tinha para com seus irmãos" (TestC 29).

No mesmo Testamento, mencionando algumas de suas próprias experiências depois que ela teve que assumir o papel de líder, ela usa a linguagem de Francisco: "Por isso, quero que obedeçam à sua mãe ... vendo o amor, a humildade e a unidade que as Irmãs têm entre si, possa levar mais facilmente o peso que tem que suportar por causa do ofício, e o que é doloroso e amargo mude-se em doçura para ela pelo bom comportamento das Irmãs" (TestC 68-70). Essas palavras de Santa Clara transmitem seus próprios sentimentos pessoais. A responsabilidade da autoridade era para ela um fardo, embora ela a realizasse com amor, humildade e espírito de abandono de si mesma. A responsabilidade da Abadessa fez-lhe viver os mesmos sentimentos que marcaram o início da nova vida de encontro e de acolhimento do leproso de São Francisco (cf. LSC 12).

É justo ressaltar que o comportamento de Francisco não se limitou apenas a uma admiração platônica de Cristo em uma atitude composta de lágrimas e soluços. Tornou-se uma realidade de ação alegre através da escolha da categoria social na qual São Francisco quis inserir-se a si mesmo e a todos os seus seguidores, irmãos e irmãs. Pensando em Jesus, que gostava de ficar com os pobres, os pecadores e outras categorias de pessoas consideradas amaldiçoadas e dignas de desprezo humano (cf. Jo 7,49), Francisco ressaltou que os frades "devem alegrar-se quando conviverem entre pessoas insignificantes e desprezadas, entre os pobres, fracos, enfermos, leprosos e os que mendigam pela rua" (RnB IX2).



A humilhação de Cristo revelou-lhes que servir é o elemento essencial da vida cristã. A necessidade de se tornar menor era essencial para reviver tudo na atitude do Mestre: “O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20,28) (cf. Ad 4,1). Cristo, tanto como servo de Deus como do homem, tornando-se pobre e humilde, é uma realidade única, mesmo se é apresentado em dois aspectos. São Francisco e Santa Clara construíram suas respectivas comunidades usando esse fato como a pedra angular de sua minoria. Este foi o modelo no qual os irmãos e irmãs foram obrigados a replicar sua própria vida pessoal.

São Francisco e Santa Clara viveram este aspecto da vida de Cristo (serviço humilde) em sua plenitude. Santa Clara apresenta esta nova forma de vida, escolhida por ela, como o caminho da perfeição no serviço a Cristo (cf. RSC 13). Diferenciou-as de uma simples associação de mulheres, que viviam juntas e as transformava em uma comunidade "Cristocêntrica" seguindo um formato evangélico. Deviam servir e continuamente fazer ofertas de si mesmas a Deus. O Evangelho de Cristo é a essência desta forma de vida; uma das grandes preocupações de Santa Clara era garantir que a forma de vida que ela e suas irmãs viviam nunca saísse do caminho do Senhor (cf. TestC 74-75). Em virtude desta verdade, Santa Clara escreveu a Santa Inês de Praga: "Eu a considero, num bom uso das palavras do Apóstolo, auxiliar do próprio Deus, sustentáculo dos membros vacilantes de seu corpo inefável" (3In 8).

**“Não vim para ser servido, mas para servir
(Mt 20,28) diz o Senhor”. (cf. Ad 4,1).**

Esta profunda atitude de humildade tornou possível que as "menores" e as "irmãs pobres" vivessem no meio do mundo em espírito de submissão e de humilde serviço a todos (cf. SV 16-18.); é a característica daquele servo que não tem consciência de fazer outra coisa, mas apenas de cumprir o próprio dever (cf. Lc 17,10). A minoria quer designar a atitude evangélica de não buscar o primeiro lugar ou se considerar superior aos outros. Eles não buscarão poder. Eles atenderão a todos e estarão disponíveis para realizar o trabalho sem solicitar pagamento. Eles mostrarão gratidão e respeito por todos. Tal atitude é um sinal de minoridade e exige submissão a todos, lavando os pés de todos. São Francisco começou a servir a todos, não porque se subestimasse, mas porque entendeu que a atitude expressa nas bem-aventuranças evangélicas é essencial para qualquer líder. Jesus havia proclamado essa exigência como sendo fundamental para a compreensão do Reino de Deus: "Nunca devemos desejar estar acima dos outros, mas antes devemos ser servos e submissos a toda criatura humana por causa de Deus" (2Fi 47).

O modelo que São Francisco tinha em mente e sobre o qual formou a sua Fraternidade era a de que fosse uma comunidade em que a fraternidade e o serviço estivessem tão intimamente unidos que não pudessem ser separados sem que a fraternidade fosse destruída: "Quero que esta fraternidade se chame Ordem dos Frades Menores" (1Cel 38). De fato, ele recomenda que "todos, sem exceção, sejam chamados de irmãos menores" (RnB VI 3).



A imagem de Cristo na Última Ceia, onde o mestre lavou os pés de seus seguidores, teve um enorme impacto em Francisco e o inspirou a escolher o nome "menor" - ou seja, insignificante. Este ato de Jesus foi de imenso amor. Ele se ajoelhou na frente de cada apóstolo e completou amorosamente o trabalho que normalmente teria sido realizado por um servo, não por um mestre. Fez com que São Francisco tomasse este testemunho como forma de vida para si e para os seus frades: "E um lave os pés do outro (cf Jo 13,14)" (cf. RnB VI 3); lavando os pés uns dos outros, todos podem se tornar um "frade menor" e uma "irmã pobre" e, claro, um verdadeiro líder. O segredo de tal vida vivida em fraternidade e serviço foi o cumprimento do mandamento novo do amor, em conformidade com a fórmula que São Francisco repetia tantas vezes: "Tudo aquilo, portanto, que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles" (Mt 7, 12) (RnB IV; RB VI 9). Segundo São Francisco, eles serão de fato frades menores se souberem servir aos outros; e permanecerão fiéis à sua vocação na medida em que souberem servir e obedecer uns aos outros: "E nenhum irmão faça mal a outro ou diga mal dele; muito pelo contrário, através da caridade do espírito, sirvam e obedeçam uns aos outros (Gl 5,13) de boa vontade" (RnB V 13-14).

Para São Francisco, ser frade menor significava ser servo de todos (cf. Ord 3). Deve-se ser o último, ou seja, um "homem desprezível e frágil" (Ord 3), um "vosso servo e pequenino no Senhor" (1Ct 1), "súdito" (2Fi 1), "o menor dos servos" (2Ct 1), que "de modo que não ordenava como prelado pela autoridade, mas obedecia aos súditos como ministro e servo pela humildade" (Lm III, 4). A consequência disso foi que São Francisco queria que os irmãos vivessem no mundo sem privilégios.

É dessa inspiração divina que nasceu o carisma franciscano, que teve em Santa Clara, uma discípula corajosa e zelosa; "uma mulher, obediente à palavra e ao ensinamento de São Francisco, que se ofereceu a Cristo, tarefa da sua vida. Ela concentrou todo o seu ser na glória e no amor d'Ele, a quem ela queria servir e cujo servo indigno ela se considerava ser". [1] Expressou-se na terminologia de São Francisco, chamando-se a si mesma: "indigna flâmula de Jesus Cristo e serva inútil" (1In 2; cf. 2In 2), "humilíssima e indigna servidora de Cristo e serva das damas pobres" (3In 2; cf. 4In 2; RSC I 3; TestC 79). Santa Clara mostra-se, através destas descrições, como serva do Senhor e das suas irmãs.

[1] G. Iammarrone, *La cristologia Francescana. Impulsi per il presente*, Messaggero, Padova 1997, 98.

AUTORIDADE COMO SERVIÇO

Francisco, tocado pelo exemplo de Cristo, reformulou a autoridade, definindo-a como serviço no vínculo da caridade. Isso é evidente pela constante justaposição do termo “serviço” com aquilo que de alguma forma indica uma responsabilidade de autoridade. Pelo contrário, ele quer abolir, mesmo em palavras, tudo o que possa referir-se ao orgulho, por isso, para os superiores, ele usa o termo ministros e servos (cf. RnB 4,1;5,13). Ele queria determinar também os poderes legais, se considerarmos que ele estipulou que “ninguém deve ser chamado prior, mas todos devem ser simplesmente chamados irmãos menores. E lave um os pés do outro” (RnB 6,3). Deste modo, a oposição entre liberdade e lei é superada, não só por uma interiorização da norma, mas pela sua anulação no vínculo da caridade: “como maior seja o menor (Lc 22,26) e servo dos outros irmãos” (2Fi 42).

Por isso, admoestou severamente: “Ai daquele religioso que é colocado no alto pelos outros e não quer descer por sua própria vontade. E bem-aventurado o servo (Mt 24,46) que não é colocado no alto por sua própria vontade e [que] sempre deseja estar sob os pés dos outros” (Ad 19,3-4). Este tem sido o perigo para os superiores, especialmente, porque eles podem ser tentados a “E nenhum ministro ou pregador se aproprie do ministério” (RnB 17,4); “Aqueles que foram constituídos acima dos outros se gloriem tanto deste ofício de prelado como se tivessem sido destinados para o ofício de lavar os pés dos irmãos. E se mais se perturbam por causa do ofício de lavar os pés, tanto mais ajuntam para si bolsas para perigo da alma” (Ad 4,2-3).

Dizia que é próprio “do prelado que é pai e não tirano” (2Cel 177) e deve ter exigências diametralmente opostas ao orgulho e à glória mundanos: “Deve ser um homem que não faça, por acepção de pessoas (cf. Rm 2,11) sórdida discriminação, diante de quem não vigore menos o cuidado dos menores e simples do que dos sábios e maiores ... Nem se deleitasse mais com os favores do que com as injúrias... deve ser tal que de forma alguma quebre o aspecto viril da justiça, pelo desejo de preservar a [própria] honra, e sinta que tão grande ofício lhe causará mais peso do que honra.” (2Cel 185-186). O Superior não exerça o seu serviço por muito tempo, para não correr o risco de o reclamar como herança. Por fim, Francisco recomendou a todos os superiores regulares para “não mudar os costumes, a não ser para melhor, não buscar favores que amarram, não exercer o poder, mas cumprir o dever” (2Cel 188).

Ele redescobre o significado genuíno da autoridade como serviço fraterno, porque se é o Pai de todos e “todos vós sois irmãos” (Mt 23,8) no espírito da justiça e da paz. Ele exige essa disposição dos ministros e de seus irmãos, e Clara faz o mesmo com as abadessas, Francisco também a inculca nos governantes dos povos como um serviço evangélico de poder.

Na Regra de Clara, a autoridade é antes de tudo um exemplo de afabilidade, hospitalidade, serviço para manter todos na comunhão de amor com Cristo e estimular a obediência livre, impelida pelo amor e não pela autoridade. Santa Clara mostrou um amor especial ao servir suas irmãs e seus biógrafos mencionam essa atitude: “Três anos depois da conversão, recusando o nome e o cargo de abadessa, preferiu humildemente submeter-se a presidir, servindo entre as servas de Cristo e não sendo servida” (LSC 12). Para Santa Clara, ser serva de Cristo significava servir como Cristo serviu. Assumiu aquela atitude concreta que facilmente manifesta o seu desejo de reviver os sentimentos de Cristo servo, que se humilhou lavando os pés aos seus apóstolos. Irmã Benvinda de Perúgia afirma: “Santa Clara foi de tanta humildade que lavava os pés das Irmãs” (PC 2ª, 3).

A EUCARISTIA

Uma ajuda frutífera e um verdadeiro apoio em seu novo papel de liderança foi a sagrada Eucaristia. Francisco ficou maravilhado com esse mistério onde a presença de Cristo é perpetuada ao longo dos séculos. Compreendeu que Jesus se sente atraído pelo sofrimento dos homens e, assumindo o sofrimento, procura e simpatiza com o homem pecador, como o Senhor que o amou até o fim (cf. Jo 13, 1).



Contemplando a Eucaristia, Francisco deseja ser um servo (cf. Test 41), na verdade um pequenino, (Ord 2); ou seja, fazer o bem submetendo-se a todos, oferecer um serviço sem ser notado, como o pedacinho de pão em que o Senhor Jesus se escondeu. Visto que via em Cristo não só o Senhor glorioso, mas também o Servo que, por amor aos homens, se colocava debaixo dos seus pés, e que ainda se doa na Eucaristia, a atitude de Francisco era de compaixão e de amor: “Ó admirável grandeza e estupenda dignidade! Ó sublime humildade! Ó humilde sublimidade: o Senhor do universo, Deus e Filho de Deus, tanto se humilha a ponto de esconder-se, pela nossa salvação, sob a módica forma de pão!” (Ord 27).

A Eucaristia também é vista por Francisco como outra encarnação e, portanto, outra humilhação. Assim como em Belém Ele se manifestou na fragilidade do ser humano, assim na Eucaristia Ele se dá nas humildes espécies do pão e do vinho, com a mesma finalidade de mediar, revelar e compartilhar a bondade do Pai (cf. Ad 1,10-12). Francisco expressa este movimento de Cristo, que aparece como humildade e aniquilação do Filho, dizendo: “Eis que diariamente ele se humilha (cf. Fl 2,8), como quando veio do trono real (Sb 18,15) ao útero da Virgem; diariamente ele vem a nós em aparência humilde; diariamente ele desce do seio do Pai (cf. Jo 6,38;1,18) sobre o altar nas mãos de um sacerdote. ... E, desta maneira, o Senhor está sempre com seus fiéis ...” (Ad 1, 6-22).

Francisco vê na Eucaristia que Jesus, que um dia desceu ao ventre da Virgem para nos mostrar a misericórdia do Pai; agora, em certo sentido, repete o mesmo movimento todos os dias, realizado pelas mãos do padre. Deste modo, Cristo permanece humildemente presente no meio dos seus fiéis até o fim do mundo, e Francisco não pode ficar calado diante deste imenso amor. Ele tem claramente diante dos olhos a celebração diária da Eucaristia, que é tão importante para sua alma quanto o pão de cada dia para seu corpo: “O pão nosso de cada dia: vosso dileto Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, dai-nos hoje (Mt 6,11): em memória, inteligência e reverência do amor que ele teve para conosco e das coisas que nos disse, fez e sofreu.” (PN 6).

A Eucaristia é também vista por Francisco como outra encarnação e, portanto, outra humilhação.

Portanto, o pão quotidiano que Francisco pede ao Pai é o seu Filho amado dado na Eucaristia. Ele pede para recordar, compreender e venerar o amor que tinha por nós; desta forma, Francisco nutre sua própria alma.

Clara sente-se como dom de Deus a existência e a vida, a fé, a justificação (cf. PC 3ª 20; 11ª 3; 14ª 7) e alimento contínuo através de seus sacramentos, particularmente da Eucaristia (cf. PC 2ª 11; 3ª 7; 9ª 10). Mas se os Escritos de Francisco são ricos em expressões sobre a Eucaristia, infelizmente não podemos dizer o mesmo sobre os Escritos de Clara; ela parece ser obstinada em não nos dar nenhuma informação sobre este grande mistério do amor de Deus pela humanidade. Portanto, a intensidade da devoção de Clara à Eucaristia não pode ser conhecida senão por meio de suas ações (cf. LSC 28).

As pobres senhoras, no processo de canonização de Clara, testemunham a devoção com que a Santa se aproximou da Eucaristia. A Irmã Benvinda de Perúgia afirma que “Dona Clara se confessava muitas vezes e com grande devoção e tremor recebia frequentemente o santo sacramento do Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, tanto que, quando o recebia, ficava toda trêmula” (PC 2ª 11); e Irmã Filipa acrescenta que “E derramava muitas lágrimas, especialmente quando recebia o Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo” (PC 3ª 7). A mesma atitude em relação à Eucaristia é testemunhada também pela Irmã Francisca de Messer, que afirma que “a santa madre o recebeu com muita devoção e lágrimas, como sempre fazia” (PC 9ª 10).



Clara estava consciente da transcendência de Deus que se fez presente na Eucaristia; por isso, preocupava-se com o fato de que também as coisas materiais pertencentes à Eucaristia eram dignas e para isso fez corpóreos e panos, que depois distribuiu nas igrejas de Assis (cf. PC 1ª, 11; 2ª 12; 6ª 14; LSC 28). Suas irmãs também tiveram o cuidado de revelar a força e a segurança que Clara encontrou na Eucaristia, diante da qual ela elevou a oração de intercessão que libertou o mosteiro e a cidade de Assis do cerco das tropas de Frederico II (cf. PC 3ª 18-19; 4ª 14; 7ª 6; 9ª 3; 10ª 9; 12ª 8; 13ª 9; 14ª 3; 18ª 6; LSC 21-23).

A presença de Cristo na Eucaristia é a mesma que outrora era entre os apóstolos: “E assim como ele se manifestou aos santos apóstolos na verdadeira carne, do mesmo modo ele se manifesta a nós no pão sagrado” (Ad 1,19). Diante deste mistério, devemos comportar-nos como os apóstolos diante do Cristo homem (cf. Ad 1,20-21) e ver com a luz do Espírito Santo o Filho de Deus presente, vivo e verdadeiro no meio de nós, porque a Eucaristia (cf. Ad 1,22) é o meio pelo qual o Senhor pode estar com os seus para sempre: “nada vejo corporalmente neste mundo do mesmo altíssimo Filho de Deus, a não ser o seu santíssimo corpo e seu santíssimo sangue” (Test 10).

Se os apóstolos, vendo Jesus de Nazaré com a ajuda do Espírito, acreditaram que Ele é o Filho de Deus, também nós, diante das espécies consagradas, com a ajuda do mesmo Espírito, somos chamados a acreditar que elas são o seu verdadeiro corpo e sangue. O amor misericordioso do Pai revela-se no Filho que nasceu e se ofereceu como vítima no altar da cruz não por si mesmo, mas pelos nossos pecados. Este sacrifício representa para Francisco um sinal do amor do Pai. Mediante a sagrada comunhão, participa no trabalho e nos frutos da paixão que são comemorados na celebração eucarística.



CONCLUSÃO

Os títulos de autoridade e de liderança, usados na família franciscana são: ministros, custódios, guardiães, vigários; todos são nomes evangélicos que expressam o espírito de serviço fraterno e vigilância uns para com os outros. Na Regra de Clara, a autoridade é antes de tudo um exemplo de afabilidade, aceitabilidade e serviço para manter todos na comunhão de amor com Cristo e estimular a obediência livre, impelida pelo amor e não pela autoridade. Santa Clara mostrou um amor especial ao servir suas irmãs, e seus escritos, bem como seus biógrafos, mencionam essa atitude. Para Santa Clara ser a serva de Cristo, isso significava que ela deveria servir como Cristo havia servido. Assumiu aquela atitude concreta que facilmente manifesta o seu desejo de reviver os sentimentos de Cristo servo, que se humilhou lavando os pés aos seus apóstolos. Irmã Benvinda de Perúgia afirma: "Santa Clara foi de tanta humildade que lavava os pés das Irmãs" (PC 2ª 3).

A imagem de Cristo, que por amor se fez humilde servo ajoelhando-se para lavar os pés daqueles que iam traí-lo e decidiu permanecer com eles na Eucaristia, tocou profundamente Francisco e o transformou em um novo líder; alguém que não deixou de amar e guiar aqueles que estavam dispostos a desfrutar a vida na sua plenitude (cf. Jo 10,10). O amor pode assumir várias formas na vida de uma pessoa e, na verdade, durante a vida. As pessoas sempre gostariam de reconhecê-lo sob a imagem do amor romântico, comportamento terno e atitude compassiva, mas na maioria das vezes o amor precisa se expressar através do serviço. Os seguidores de São Francisco escolheram de bom grado estar disponíveis e refletir aquela imagem de amor que se expressa como serviço.

Observação da tradução para o Português:

- As citações estão de acordo com a Bíblia de Jerusalém, Paulus, 2002 e com as Fontes Franciscanas e Clarianas, Editora Vozes/FFB, 2004.

PERGUNTAS SUGERIDAS PARA DIALOGAR COM UM IRMÃO OU IRMÃ OU EM FRATERNIDADE:

- Como o exemplo de liderança servidora que Francisco e Clara nos mostram nos serve tanto em nossa vida pessoal quanto em nossa vida fraterna?
- Quais são as características da liderança servidora de Francisco e Clara que reforçam meu serviço na OFS e JUFRA?